

Doracy Maggion

“Dei minha vida àquela fábrica”

POR ALESSANDRO SOARES

“Não tenho planos para o futuro. Foram todos embora. A doença acabou com tudo”

A Eternit dava um kit aos funcionários doentes, o kit morte: primeiro o trabalhador recebia um plano de saúde. Quando ficava muito doente,

ganhava um bujão de oxigênio. Depois de morto, a família recebia uma coroa de flores e, às vezes, ajuda para fazer o enterro.



Fotos: Thamis Macedo/Anim Grátis

Doracy Maggion, 76 anos, nasceu em Osasco (SP). Mecânico de formação, trabalhou na Eternit por mais de 18 anos e se aposentou em 1986. Mesmo sem ter todas as datas e nomes completos na ponta da língua, Doracy dá voz a inúmeros casos que passaram despercebidos sobre crimes por contaminação e reconstitui o cotidiano da fábrica. O diálogo é bem pausado. Tem de economizar o fôlego por causa dos problemas respiratórios decorrentes da asbestose, a doença incurável que, aos poucos, enrijece seu pulmão por inalação da fibra do amianto. Mas as lembranças são muito claras.

“Parece que foi ontem. A imagem constante é o excesso de pó em todos os setores da fábrica

e o descaso da empresa com limpeza e regras de proteção.” O mestre em mecânica recorda da sujeira aparente, mas também dos resíduos menos visíveis. Pela fresta de sol que batia à tarde, dava para ver o ar cheio de minúsculas faíscas e poeira fina, numa espécie de redemoinho em velocidade baixa. E as árvores do pátio ficavam tão brancas que parecia neve. Depois o sereno chegava, as folhas umedeciam e o pó grudava.

Até o piso da fábrica foi calçado com retalho de amianto durante muitos anos. Quando os caminhões e os tratores trafegavam, o poeirão subia. Para expor essa história, por tantos anos pontuada pelo silêncio imposto pela Eternit,

Doracy conta com a Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto (Abrea), que ajudou a fundar em 1995. A Abrea, para ele, tem valor equivalente ao ar que respira.

E tem olhar vibrante quando enumera as metas da associação. A primeira delas é procurar ex-trabalhadores que manipularam amianto e seus familiares, esposas e filhos. A segunda é encaminhar essas pessoas para exames. Depois vem o laudo médico, que tanto registra as doenças e alimenta uma história até então oculta como comprova a necessidade de fazer justiça. Por último, a Abrea luta pelo banimento do amianto no mundo e dialoga com diversas associações internacionais com objetivos semelhantes.

Asfixia

Algumas vitórias animam. Mas, para virar a página do longo apagão epidemiológico, por causa das subnotificações das doenças, ainda é preciso contar muitas histórias de vida, e não somente números. O Sistema Único de Saúde (SUS) já registrou cerca de 2,4 mil casos de mesotelioma, câncer causado por amianto, que geralmente mata em período curto, de seis meses a um ano, depois de diagnosticado. Doracy fala dos amigos que se foram e da vontade de morrer sem ser por asfixia. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Seu primeiro emprego foi na fábrica da Eternit em Osasco?

Sim. Entrei lá em 1952, na seção de carregamento. Tinha 14 anos e fiquei lá por um ano. Depois, trabalhei em diversos lugares e, em maio de 1969, retornei à Eternit, como mecânico de manutenção. Passados cinco anos, me tornei chefe da mecânica até me aposentar, em 1986. No dia a dia da manutenção das peças, era preciso manipular bombas, redutores, raspar e assoprar para limpar. Então, o ambiente era impregnado de amianto. Um poeirão danado. Quando a gente ia fazer manutenção nas máquinas, às vezes, era preciso subir nas estruturas. A mão afundava na hora de tocar em cima das estruturas de tanto pó. Era um centímetro e meio de pó. Na verdade, o pó invadia até os escritórios.

Como era a jornada?

Nos cinco primeiros anos, eu trabalhava das 7h às 16h. Também dei plantão em dois horários.

Mas quando passei a ser chefe da mecânica, por volta de 1976, me dedicava 24 horas. Se me telefonavam de madrugada, eu ia resolver o problema. Quando estava jogando bola no clube e eles me chamavam, eu ia atender. Se eu estava numa festa, também. Em qualquer horário. Dei a vida àquela fábrica. A gente achava que aquilo tudo era nosso. Isso não é ser puxa-saco. É ser responsável. Sempre fui um líder, cheguei a presidir o clube da empresa. Sabia distinguir bem a coisa. Tratava todo mundo igual.

A Eternit utilizava diversos mecanismos para esconder a doença dos trabalhadores.

A gente não sabia de nada. Mas eu via cada coisa lá. Quando um trabalhador tinha algum problema de saúde, por exemplo, a empresa trocava para um setor menos exposto ao pó. Depois, percebi que essas pessoas, na verdade, já estavam condenadas. Outra coisa é que eles omitiam os diagnósticos. Meu amigo Braz Terezan, por exemplo, trabalhava com amianto anfibólio, o pior que tem. Ele adoeceu, extraiu um pulmão, mas não resistiu e morreu. Nessa época, eu ainda trabalhava lá. Só que a Eternit alegou que a doença dele era pneumonia. E aí eu me lembro do caminhão do Serviço Social da Indústria (Sesi) chegando na fábrica para tirar Raios X dos funcionários. A Eternit nunca dava resposta sobre o resultado dos exames. Tudo isso faz com que hoje não seja possível fazer um saldo preciso do número de mortos por amianto. Eles escondiam. Nos atestados de óbito, só havia tuberculose e pneumonia. Nunca asbestose e mesotelioma. Depois que me aposentei, visitei mais de uma dezena de amigos que morreram amarrados a um bujão de oxigênio. A Eternit até enviava os bujões para os doentes respirarem.

Tinha um colega, o Bibe (Max Várzea), que era chefe da pintura e morava aqui em Osasco, numa casa de quintal grande. Para poder andar sem precisar carregar o bujão, ele usava uma mangueirinha quando ia atender as visitas que batiam à porta. Então, ia com a máscara e a mangueira, amarrado, que nem um cachorrinho. Esse era bem fiel à Eternit, mesmo doente.

Que outros nomes de vítimas vêm à sua memória?

Recordo melhor pelos apelidos. Tinha o Nelsinho Pintor, o Djalma da Mecânica, o Sanfoneiro, o Pé de Mesa (João Benedito Correia de Moraes), o Peru (Walter Felonta). Sanfoneiro trabalhava com ponte rolante, com guindaste. O Valmir era chefe de produção. Tinha o Zé da Capa (José de Jesus Pessoa), que foi diretor da Abrea. Tinha também o Fernando Chierici, que foi presidente da Abrea. O Pé de Mesa trabalhava na marcenaria, afiava faca e disco. Não vivia mais sem a máscara. Já Nelsinho da Pintura sofria de mesotelioma. Tinha um pelote preto nas costas, que parecia uma berinjela. Ele morreu seis meses depois que descobriu a doença. O mesmo ocorreu com Aldo Vicentin, que depois de aposentado atuava como advogado da Abrea. Ah! Com o Djalma também foi rápido assim. Um dia, já depois de fundada a Abrea, encontrei Djalma e o convidei pra fazer exames pela Abrea. Ele respondeu: “Ô Doracy. Estou trabalhando e cursando Direito. Mas assim que der eu vou.” Pouco tempo depois, estava irreconhecível. Djalma era um negro largo e ficou magro demais, por causa do mesotelioma. Morreu três meses depois. O mesotelioma é terrível. Esses e alguns outros eram os que a gente conhecia e conseguiu comprovar a doença. E os que morreram e a gente nunca soube de nada, que nem o Braz Terezan?



Qual a posição da Eternit diante das doenças?

A Eternit dava um kit aos funcionários doentes, que a gente apelidou de kit morte. Era composto do seguinte: primeiro o cara recebia um plano de saúde. Quando ficava bem doente, ganhava um bujão de oxigênio. E depois de morto, a família era consolada com uma coroa de flores e, às vezes, uma ajuda para fazer o enterro.

Como o médico da empresa atendia os funcionários?

O médico era o Wagner Meireles. Após a morte do Braz Terezan, eu subi até o escritório. Perguntei “Wagner, o que é isso que está matando tantos colegas?” O médico desconversou. Disse que Braz morreu porque fumava muito. Eu falei: “Wagner, eu classifico você como um Mengele. Você mata as pessoas.” Eu estava bravo. Pior é que o Wagner era preparado. Fez curso na Alemanha para se tornar especialista em amianto. Era competente, mas escondia tudo. Uma vez, o Zé da Capa fez o exame de demissão para sair da fábrica. Wagner Meireles disse que ele não tinha nada e estava apto para trabalhar em qualquer lugar. Depois de uns quatro meses de fundada a Abrea, Zé tirou Raios X e descobriu que tinha asbestose. O Wagner era um mentiroso.

Como era a relação dos trabalhadores com Wagner Meireles?

Era boa. A gente jogava bola junto. Disputava futebol de salão no clube da Eternit. O clube tinha uns 4 mil metros quadrados, tinha jogo de bocha, salão grande de festa. Sempre que perguntávamos ao Wagner sobre nossa saúde, ele dizia que tudo corria bem.

Quando descobriu que sofre de doença por contaminação de amianto?

Só descobri quando fiz Raios X pela Abrea na Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Medicina e Segurança do Trabalho (Fundacentro). Do monte de chapa que tirei pela Eternit, o resultado era sempre bom, mas, quando fiz pela Abrea, em 1995, foram constatadas placas pleurais. Algum tempo depois, fui me tratar



no Hospital das Clínicas e se descobriu que eu sofro de asbestose.

Já suspeitava da asbestose?

Sim. Há uns dez anos, comprei uma bicicleta para minha neta. Enquanto ela pedalava, eu tentei brincar e corri atrás para alcançá-la, mas não consegui. Hoje, ando normalmente no terreno plano. Se eu pego uma subida, aí complica muito. Às vezes, eu durmo sentado numa escada na minha casa, pois tem hora que não consigo respirar. Eu tenho dificuldade até para falar muito. Você vê que já estou cansado nesta entrevista. O sofrimento é grande. Não posso fazer nenhum tipo de serviço repetitivo. Serrar, por exemplo. Se eu der dez serradas, por exemplo, tenho de parar. E por quê? Porque os meus pulmões estão empedrando, estão ficando duros, duros até eu não conseguir mais respirar. E não tem tratamento. Os médicos só falam para eu caminhar e fazer natação.

Como é seu cotidiano?

Agora ficou mais difícil, porque faz um ano que minha esposa, Maria Conceição, está internada. Ela fica uns 20 dias em casa e depois volta para o hospital, por problemas no coração, nos rins e no pulmão. Somos casados há 52 anos e temos três filhos, o mais velho tem 47 anos e o mais novo, 37. Meu dia a dia é cuidar da minha esposa.

O senhor foi um dos pioneiros na criação da Abrea.

Eu ia de casa em casa falar com os ex-empregados sobre os problemas de saúde e convidava todos para fazer exames. Dizia que quem estivesse doente, a gente ajudaria no tratamento. Era uma campanha de conscientização boca a boca. Algumas reações eram de muita resignação. As pessoas me atendiam com aquele carinho. “Oi, Doracy, vamos tomar um café.” Aí, quando eu falava da conscientização diziam: “Não, não, Doracy. Está louco? A Eternit foi uma mãe para mim. Está vendo tudo o que eu tenho aqui? Esta casa, tudo o que eu tenho, eu ganhei da Eternit.” Eu cansei de ouvir isso. Na verdade, ganharam porque trabalharam, né? Em troca, a Eternit deu doença para eles. Mas muita gente topou fazer exame e eu ajudava em tudo. Ia de ônibus junto, buscava laudos médicos, cuidava da papelada com a Fundacentro.

Quais os seus planos agora?

Não tenho. Foram todos embora. A doença acabou com tudo. Quando me aposentei, comprei uma chácara para desfrutar e não posso mais ir pra lá. Olha, a falta de ar é uma coisa horrível. Eu falo, porque sinto e vi os amigos morrendo por asfixia. Então, sendo bastante realista, o que eu peço é que Deus me ajude, que me dê um infarto e que eu morra de repente, para não ter de chegar ao ponto a que meus amigos chegaram. ☒